

# Lembranças dos cabarés

Aos 69 anos, dona Maria Neném guarda muitas histórias de quando era cafetina no Porto de São Mateus, que ajudou a preservar

FABIO SEGANTINI

**S**ÃO MATEUS – O Porto de São Mateus é reconhecido pela sua contribuição histórica para o Brasil. Por ele chegavam ao Norte do Estado os escravos e a cultura europeia, e saíam as riquezas do País.

Ao longo de 464 anos, muitas histórias da região ficaram conhecidas. Uma das personagens mais marcantes desses relatos ainda está viva e continua a deixar sua contribuição para a sociedade mateense.

É Maria Dajuda, 69 anos, carinhosamente chamada de Neném Preta, que chegou a São Mateus na década de 60 para ser prostituta dos cabarés do porto.

Na época, a mineira de Nanuque tinha 25 anos de idade. Logo foi reconhecida por sua beleza e ganhou fama como a Rainha do Porto.

“Quando eu cheguei era noite, havia muita gente transitando pelas casas noturnas e escolhi a mais luxuosa de todas, a Casa da Luz Vermelha. Ali eu fui recebida e fiz a minha história”, relembra.

A simpatia, a vaidade e o charme no jeito de andar e falar de Neném Preta parecem não envelhecer e ainda chamam atenção. “Até hoje uso meus brincos extravagantes. Na época eram de ouro”, afirma.

Com seu jeito tranqüilo, Ne-

ném Preta conta a vida que a cercou de popularidade e de paixões – ela teve quatro filhos, dos quais dois ainda são vivos, de três amores diferentes.

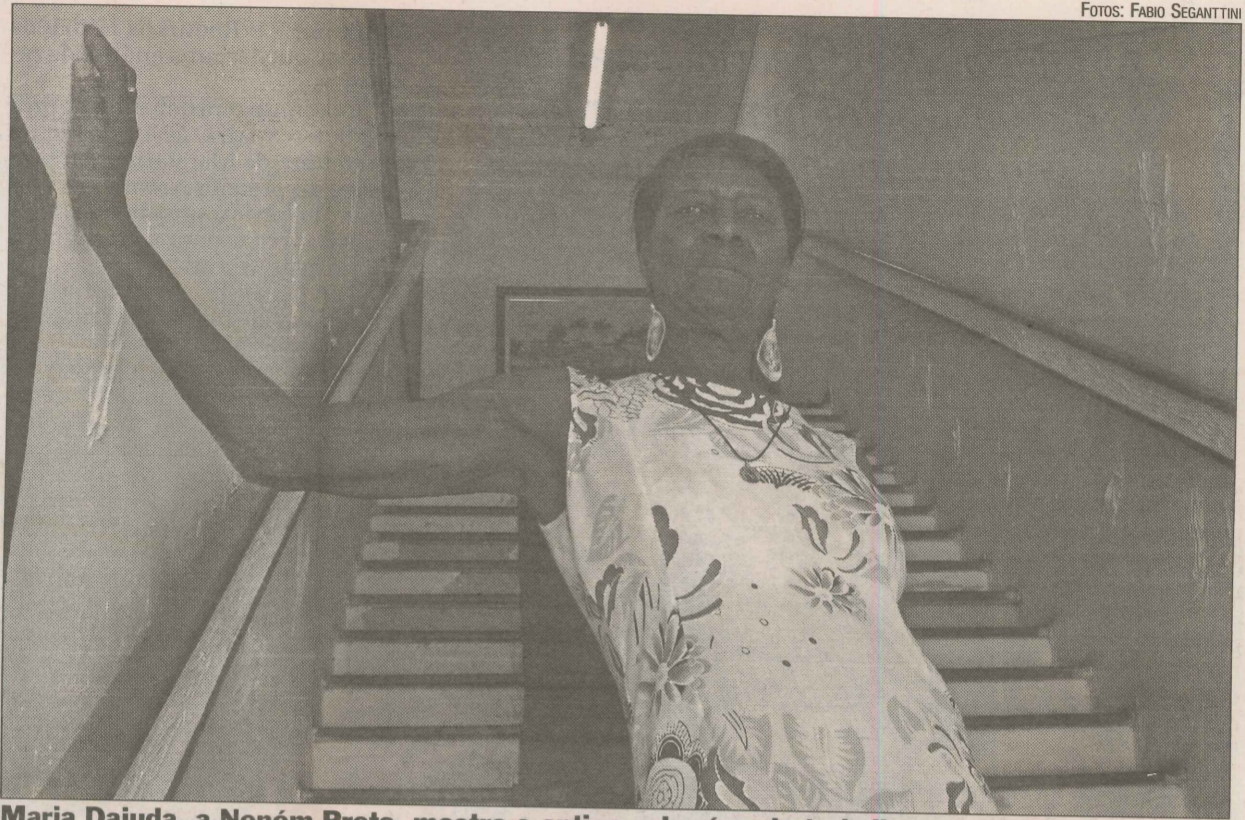
“Eu me apaixonei por políticos, militares e demais homens da cidade. Eu me casei e tive meus filhos. Sinto saudades de um porto agitado e freqüentado por todo o tipo de gente. Aqui tinha vida, agora tem abandono. Saudades eu tenho é do pai do meu primeiro filho, esse sim me faz falta”, desabafa.

A fama de “dama da noite” do porto ela não reconhece, mas provoca quando diz que “todas as mulheres da ‘vida’ me invejavam”.

“Eu era respeitada e admirada. Isso fez com que eu rapidamente fosse tomar conta das outras mulheres”, conta. Com seis meses de trabalho na Casa da Luz Vermelha ela virou cafetina. “Foi tudo muito rápido. Eu era trabalhadeira e ainda sou”, fala Neném.

Hoje ela é servidora municipal. Trabalha como cozinheira na Secretaria da Cultura da cidade, localizada no mesmo lugar onde um dia ela chegou e fez a sua história de vida – Porto Histórico de São Mateus.

“Eu já era da vida quando resolvi morar no porto. Já tinha ouvido que aqui o ‘babado’ pegava fogo e estou aqui até hoje. É onde eu me encontrei e quero morrer”, diz.



FOTOS: FABIO SEGANTINI

Maria Dajuda, a Neném Preta, mostra o antigo cabaré onde trabalhou na década de 60

## Prostitutas recebem placa

SÃO MATEUS – Nem tudo da época em que Maria Dajuda – a Neném Preta – viveu na Casa da Luz Vermelha, no Porto de São Mateus, pôde ser registrado.

Mas as mulheres dos bordéis conseguiram impedir que parte da história do porto fosse permanentemente esquecida.

Após o fechamento das casas noturnas na década de 70, as prostitutas se uniram para impedir que a região fosse abandonada e que suas histórias de vida no local fossem excluídas da história.

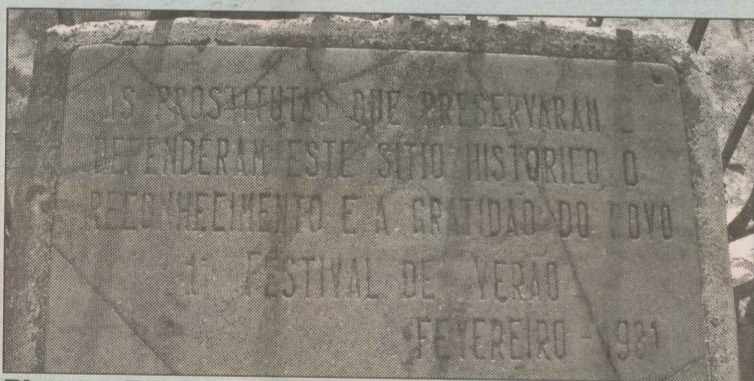
“Por aqui nós ficamos e fomos reescrevendo a história que a sociedade tanto queria apagar. Se não fosse por nós, o porto seria destruído, e com ele a história desta época que tan-

tas mulheres viveram, nos braços de homens que nos procuravam”, diz Neném.

Morando no Porto, Dona Neném e as demais mulheres ergueram a bandeira da preservação do lugar do qual elas aprenderam a gostar.

Em 1981, as prostitutas foram homenageadas com uma placa no na Praça do Porto. Um reconhecimento pela luta para preservar a história. A homenagem foi feita pelo Centro Cultural Porto de São Mateus.

“Foi um dia marcante e até hoje tenho a manta que cobria a pedra com a placa homenageando não apenas a mim, mas a todas aquelas que fizeram vida por aqui e resolveram ficar”, orgulha-se Neném.



Placa na Praça do Porto de agradecimento às mulheres

## “Respeito é bom e eu gosto”, diz Neném Preta

SÃO MATEUS – Respeitada pela comunidade de São Mateus, Maria Dajuda, a Neném Preta, acha que a sociedade de hoje está muito violenta e sem respeito pelo próximo. “Hoje em dia, essas meninas que estão na ‘vida’ não respeitam ninguém. Olham para os maridos das outras e, se bobear, agarram ali mesmo os homens.”

“No meu tempo havia respeito. Não usávamos roupas curtas, éramos proibidas de ir à Cidade Alta (Centro) e as mulheres no cabaré subiam para os quartos antes do homem. Lá dentro, aí sim, tudo acontecia”, conta.

“Nunca me meti em brigas e nunca usei drogas. Agora são armas e mulheres perdidas para todos os lados, sem pudor. Tem que se respeitar antes de qualquer coisa. Respeito é bom e eu gosto.”

## ANÁLISE

A CIDADE TEM PRECONCEITO DO PORTO

“As décadas de 50 e 60 foram de decadência para o Porto de São Mateus. Foi um momento de transição a partir do fim do comércio.

A cidade tem preconceito do porto. Nenhuma sociedade quer ter na sua história um reconhecimento por causa de escravidão e prostituição. A elite procurou apagar este registro e jogou as mulheres no Encruzo, bairro que hoje é chamado de Litorâneo, onde está sendo construído o novo campus da Ufes em São Mateus.

Graças às prostitutas que ficaram no porto, o lugar não foi destruído. Sem elas, ele não existiria mais.

Nos anos 80, houve o movimento de recuperação do porto e, em 1998, ele foi tombado como patrimônio.

Historiador  
Maciel de Aguiar



Vista panorâmica do casario antigo do Porto de São Mateus

## Cumadinha quer porto ativo

SÃO MATEUS – Outra personagem da época de luxo dos cabarés do porto ainda vive no lugar e conta sua história. Alzira de Melo Nascimento, 80 anos, conhecida como Cumadinha, foi gerente de cabaré e escolhia a dedo seus clientes.

“A gente poderia ter ficado mais tempo na ativa. Mas o pes-

soal da Cidade Alta pediu para o governo expulsar a gente. Eram políticos, policiais e empresários que vinham ao porto cair nos nossos braços”, relembra.

“O meu sonho era amar todo mundo. Do jeito que me tratava, eu tratava também. Ninguém aqui precisa esconder o que é. O que passou, passou. Só queria que o militar que eu me apaixonei ainda estivesse aqui, dele sim eu sinto falta”, desabafa.

Cumadinha era de personalidade forte, direta nas palavras e até hoje mantém este jeito. As meninas de sua casa tinham que respeitar, ou eram obrigadas a dar lugar para outras.

“O respeito cabe em qualquer lugar e em qualquer tempo. Eu não saio e nunca saí dando em cima de homem casado, muito menos as minhas meninas. Elas tinham que respeitar ou eu chamava a atenção. Nunca apanhei e nunca bati. Sou limpa”, afirma Alzira.

## História vai parar no cinema

SÃO MATEUS – As histórias de um porto movimentado, repleto de cabarés e prostitutas podem virar filme em 2009. A vida de Neném Preta inspirou o ativista cultural e atual secretário interino da Cultura de São Mateus, Claudio Lins, a criar um roteiro que vai reviver esta época que não se encontra em livros de história.

“Quero contar a vida dos cabarés, como era a vida das prostitutas depois do último cliente e mostrar a luta que elas travaram

para preservar o porto”, explica.

O início das filmagens ainda não está previsto, mas Lins destaca que o mais difícil para a confecção deste material ele já possui – o porto, com seus casarios e personagens vivos.

“Depois do Carnaval quero reunir a equipe que vai trabalhar para montarmos este filme. O bom é que temos o cenário ainda de pé e os protagonistas vivos, que vão poder nos dar elementos indispensáveis para a realização deste projeto”, diz.



Cumadinha: saudades